

João e Guida

escreveu Ilse Losa
ilustrou Luísa Brandão

5.ª Edição

CÃO E GUIDA

escreveu Ilse Losa
ilustrou Luísa Brandão

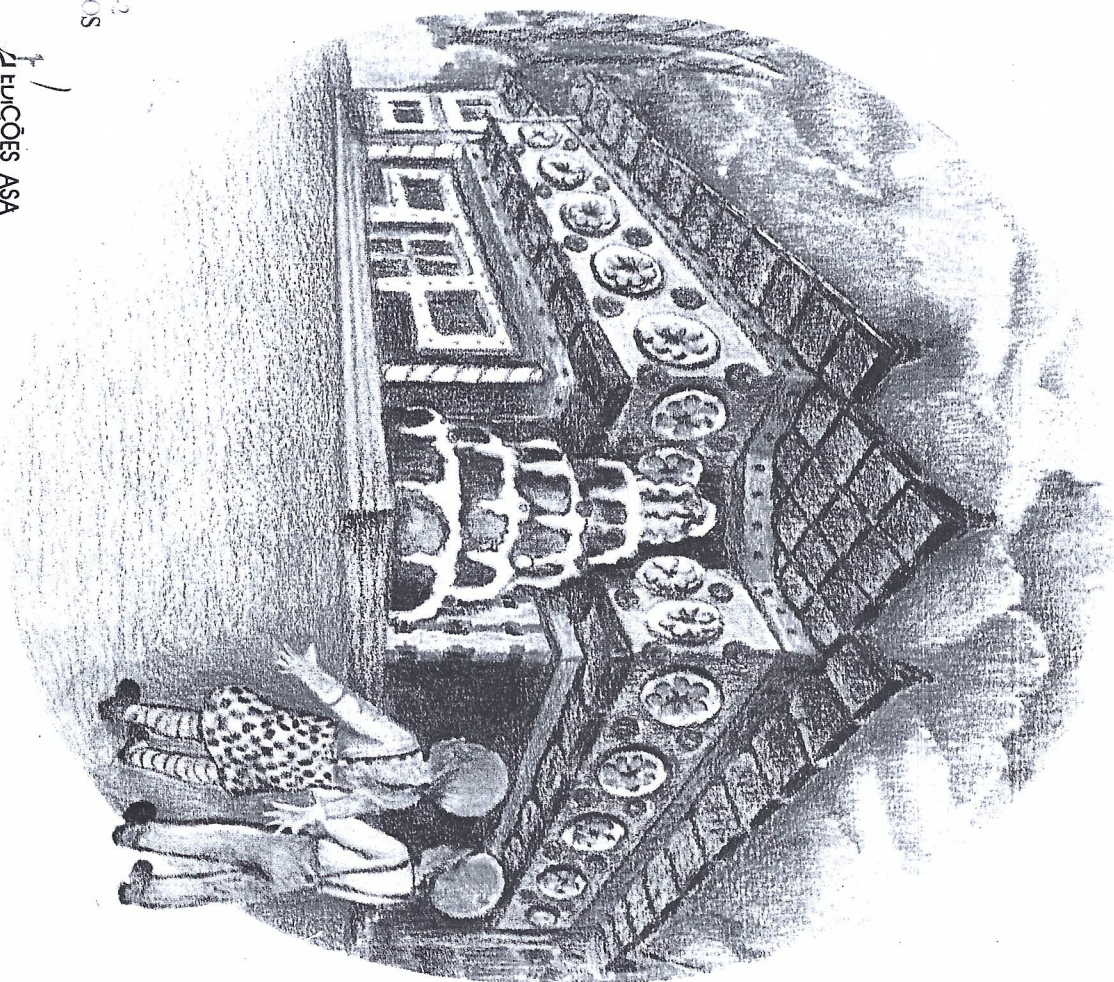
8-2 8-2
LOS LOS

EDIÇÕES ASA

ISBN 972-41-0245-9



9 789724 102459



João e Guida

escreveu Ilse Losa
ilustrou Luísa Brandão

5.ª Edição



EDIÇÕES ASA

Sede

R. Martires da Liberdade, 77 / Apartado 4263 / 4004 PORTO CODEX
Telefs. 2002279-70 / 2014183 / 2014672 / Telex 24389 P / Telefax 2013808

Delegação

Av. Dr. Augusto de Castro, Lote 110 (Chelas/Oliveiras) / 1900 LISBOA
Telefs. 8372176 / 8372325 / Telex 64894 P / Telefax 8597247



EDIÇÕES ASA



BIBLIOTECA MUNICIPAL

DE

COIMBRA

N.º 454105

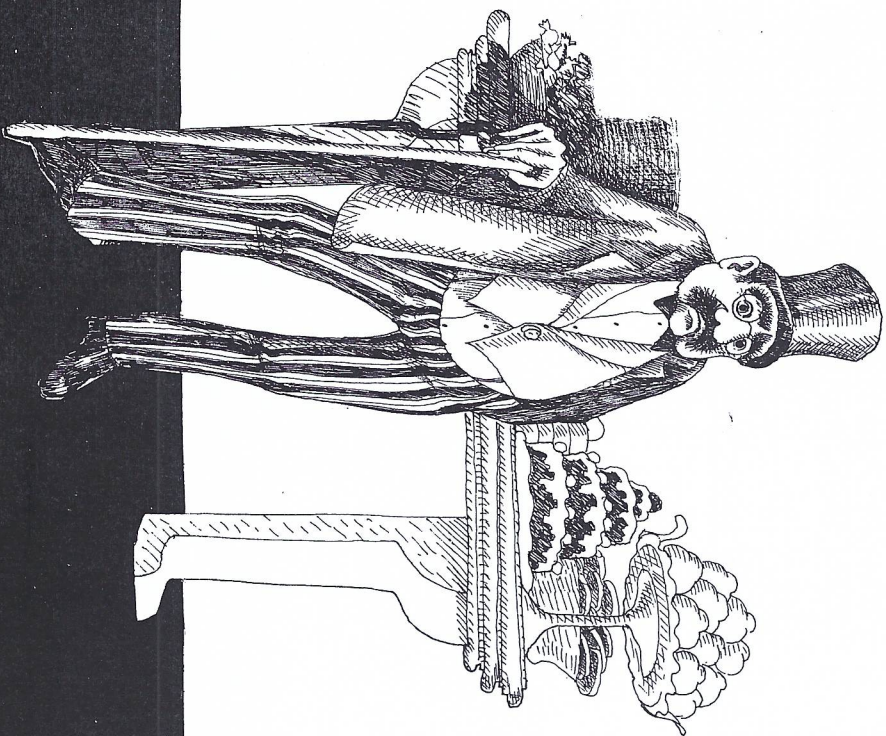
TWE 8-2.105

Apresentação das personagens:

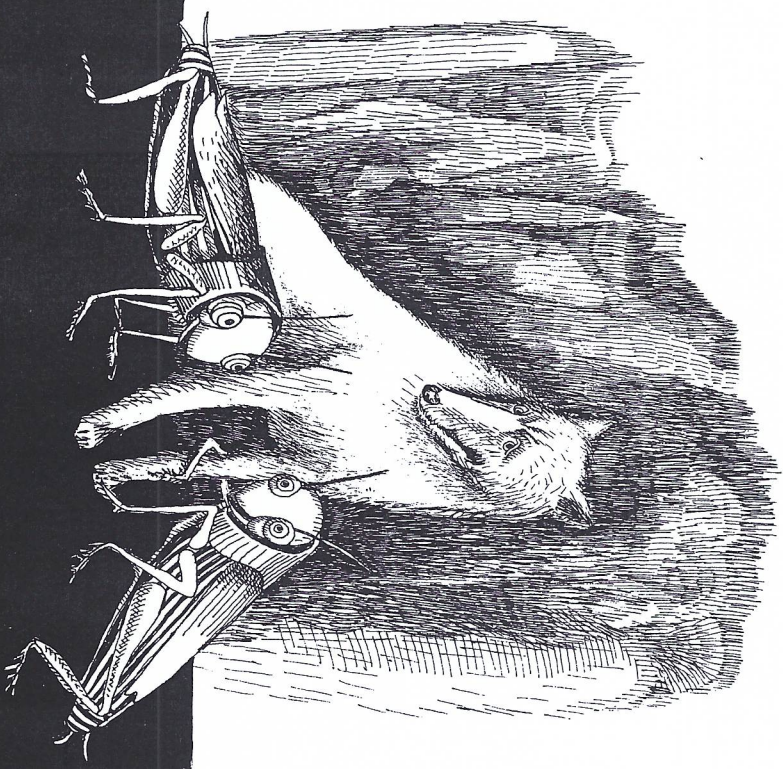
O João e a Guida



O senhor Papa-Tudo



Os grilos Fabiano e Fidelino
e o lobo Xexé



NA MATA

Árvores. Folhas no chão. Ouve-se o chilrear dos pássaros. Aparece Guida, um tanto hesitante. Olha, receosa, à sua volta. De repente um ruído, qualquer coisa semelhante ao quebrar dum ramo.

Guida (*assustada*) — João! João! Onde estás, João?

João (*ao longe*) — Estou aqui, Guida. Vou já. Não te aflijas.

Guida — Anda aqui para o meu lado, anda!

João (*aparecendo. Traz um cogumelo na mão*) — Então que é isso? Outra vez medo? Já te disse várias vezes, Guida: não tenhas medo, não te acontece nada. (*Mostrando o cogumelo à irmã.*) — Olha, o que encontrei. Não é bonito?

Guida (*mirando o cogumelo*) — O que é isto? Nunca vi coisa assim na minha vida. (*Para o público:*) — Vocês sabem o que é isto?

João — É um cogumelo, minha tolinha.

Guida — Deixas-me comê-lo?

João — Deus te livre! Pode ser venenoso. Não ouviste falar de cogumelos bons para comer e cogumelos venenosos? Eu cá não sei distinguir uns dos outros, por isso o melhor é não nos arriscarmos.

Guida (*irritada*) — Ora, então não serve para nada. Escusas de me ter mostrado. Só para me fazeres crescer água na boca...

João — Mas repara, Guida, é tão bonito: vermelho e com pintinhas brancas.

Guida — João, eu tenho fome. Não quero saber de coisas bonitas que não se podem comer, nem de pintinhas brancas a não ser que sejam de açúcar. Tu achas tu-do bonito, o céu por ser azul, as folhas por serem verdes, os pássaros por cantarem, e agora o cogumelo por ser vermelho e ter pintinhas brancas. Eu hoje só acho bonitas as coisas que se comem. Já não há broa, pois não?

João (*triste*) — Não, já não há. Era tão pouca, comeu-se num instante. Mas vê se tens mais um bocadinho de paciência; com certeza há amoras aqui perto. Gostas de amoras, não gostas?

Guida — Cá estás tu a falar de amoras. Sempre a falar de amoras. E de amoras nada! Vou mas é descansar.

(*Senta-se no chão e João senta-se ao lado dela. Por detrás duma árvore espreitam os dois grilos Fideino e Fabiano, mas João e Guida não os vêem.*)



Fidelino (*para o público, em voz baixa, mas cheia de espanto*) — Quem são?

Fabiano — É gente humana.

Fidelino — Gente humana mata os grilos.

Fabiano — Não digas tolices, Fidelino! Nem parecez ter a idade que tens. Então não vês que são crianças?

Fidelino (*com ar apalermado*) — Ai são?! (*Para o público:*) — São?

Fabiano (*imitando-o com zombaria*) — Ai são?! Como se isso fosse coisa de espantar. Crianças são crianças. Tu também foste criança. E se eu não soubesse que estás um homem crescido, podia tomar-te por mais novo do que aqueles dois. Anda, vamos vê-los mais de perto.

(*Aproximam-se mais das duas crianças, mas estas ainda não os vêem. Fidelino mira-os de boca aberta.*)

Guida — Não ouviste um ruído, João?

João (*ocupado com o cogumelo*) — Não, não ouvi nada. Vá, encosta-te a mim e dorme.

(*Guida encosta-se a João.*)

Fabiano — Fecha a boca, Fidelino!

(*Neste instante, os dois meninos viram-se para eles.*)

Guida (*assustada*) — Ai!

João (*levantando-se*) — Guida! Parece impossível! Então não vês que são grilos?

Fabiano (*com ar paternal*) — Olá, meus meninos. Então por câ? À procura de amoras? Olhem que não há muitas amoras neste sítio. Para dizer a verdade, não há mesmo nenhumas. Mas, desculpem, ainda não nos apresentámos: sou Fabiano, mestre-escola dos grilos desta freguesia. E o meu irmão, guarda-nocturno dos grilos. Como se chamam os meninos?

João — Eu sou João e ela é Guida, a minha irmã.

Fidelino — Não trazem gaiolas, pois não?

Fabiano — Cala-te, Fidelino! Só dizes asneiras. (*Para o público:*) — Peço desculpa, o meu irmão nunca passou da primeira classe. E agora, que está um homem feito, já é tarde para aprender; mas é uma boa alma, podem crer. Ou não acreditam?

João — Sabe, senhor grilo Fabiano, andamos à procura de comida e de fortuna.

(*Neste instante surge o lobo Xexé. Guida, de tanto medo, esconde-se atrás de João e o próprio João fica assustado.*)

O lobo Xexé — O que é que ouço dizer? Comida? Fortuna? (*Para o público:*) — Ouviram bem? Comida.

Fortuna. Ah! Ah! Ah!

(*Os meninos, apavorados, afastam-se para o lado.*)

O lobo Xexé — Calma, calma, meus meninos, não se assustem, não vale a pena. Eu não faço mal a ninguém. Se calhar estão a tomar-me pelo Lobo Mau do Capuchinho Vermelho. Mas não sou. É que esse morreu. Já não sei quando. Falta-me a memória e, de resto, fui sempre fraco em datas. Mas que foi há muito tempo, disso tenho a certeza. (*Para o público:*) — Todos sabem que o Lobo Mau já morreu há muito tempo, não é verdade? Aliás, ele era tio do meu avô que se chamava Lobo Feroz e que foi o último lobo perigoso da minha família. Depois perdemos as nossas qualidades e passamos a ser Lobos Bons, coitados.

Fidelino (*para o público*) — Sabem como se chama este?...

O lobo Xexé.

Fabiano — Chiu! Chiu! Cala-te, Fidelino!

O lobo Xexé — Deixa-o dizer. Estou farto de saber que me chamam o lobo Xexé. (*Suspira.*) É uma tristeza pôrem alcunha a um lobo respeitável. Mas ainda há-de vir o dia em que lhes prove, a todos, que ainda não estou xexé. Disto podem ter a certeza. (*Suspira.*) Ai, a minha vida!

(*O lobo Xexé senta-se no chão, cansado. O grilo Fidelino senta-se ao seu lado.*)

Guida (*ainda escondida atrás do irmão*) — Senhor lobo, o que é um lobo xexé?

O lobo Xexé — Olha, minha boa menina, um lobo xexé é um pobre lobo velho, sem dentes, com dores de fígado e obrigado a fazer dieta...

Fidelino — É lobo que não diz coisa com coisa.



Fabiano — Chiu! Olha que apanhas, Fidelino.

O lobo Xexé — E você diz coisa com coisa, seu grilarote?
(*Virase para João e Guida.*) Mas digam-me, meus
meninos, o que os trouxe aqui, a esta mata? Não
têm casa?

João — Somos pobres, senhor lobo Xexé. O nosso pai
não tem trabalho e disse que não sabia como se
arranjar para nos dar de comer. Resolvemos, por
isso, deixar a nossa casa e procurar comida e for-
tuna.

Os outros todos — Hum... Hum...

Fabiano (*para o público*) — Pobres criaturas, não acham?
(*Depois, para João e Guida.*) — Que espécie de for-
tuna procuram?

João — Dinheiro, por exemplo.

Os dois Grilos (*cantando*) — Falta-lhes dinheiro,
Falta-lhes de comer.
Se eu fosse banqueiro
Fazia-os enriquecer.

O lobo Xexé — Ai, meus meninos, enriquecer aqui na
mata? Eu cá não consegui enriquecer nunca.

Fidelino e Fabiano — Nós também não.

O lobo Xexé — Vamos pensar um bocado. Ora, ora...
Enfim, o que os meninos querem é ajudar os pais,

não é verdade?

João e Guida — Queremos, sim.

O lobo Xexé (*para o público*) — São valentes, não são?
(*Para João e Guida.*) Vou dar-lhes uma ideia.

Fidelino e Fabiano — Uma ideia!

O lobo Xexé — Vive nesta mata o meu inimigo número
um: o senhor Papa-Tudo...

Fidelino e Fabiano — Huiii — cri-cri, cri-cri!

(*A música sublinha as exclamações.*)

O lobo Xexé — Chiu! O senhor Papa-Tudo vive sozinho
na sua casa. É fino como um alho e mau como as
cobras.

Fidelino e Fabiano — Um patifório, é o que ele é!

O lobo Xexé — Por amor de Deus, deixem-me falar.
O senhor Papa-Tudo ficou assim mau porque, em
novo, queria tudo para ele. Nem rir já sabe. Há mais
de vinte anos que não se ri. (*Para o público.*) Vocês
viram alguma vez um homem que há mais de vinte
anos não se ri? Pois o senhor Papa-Tudo não se ri.
Hão-de ver, hão-de ver.

Fidelino — É um brutamontes.

O lobo Xexé — Talvez seja um homem infeliz, sei lá. Eu
cá sentia-me infeliz se não soubesse rir. Enfim, va-
mos ao assunto. Os meninos têm coragem para

enfrentar o senhor Papa-Tudo e tentar fazê-lo rir? São novos e engraçados, talvez consigam. Julgo que ele ficará muito contente e mais feliz. E depois talvez tenham a sorte de ele vos dar uma boa ajuda. É muito, muito rico.

Fidelino e Fabiano—À nossa custa, o malvado.

O lobo Xexé—O que me dizem, João e Guida?

João (*resoluto*)—Vamos a isso.

Guida (*hesitante*)—Vamos a isso.

O lobo Xexé—E nós os três vamos convosco até ali (*aponta para um sítio*) para vos indicar o caminho.

(*O lobo Xexé, os grilos, João e Guida vão para onde o lobo apontou e acenam adeus à assistência.*)

Música. Canto.

Cautela, meninos, cautela!

Quem será que por vós vela?

O Papa-Tudo, tão cheio de manha,

Bem depressa vos apanha!

CAI O PANO

Segundo quadro

DIANTE DA CASA DO
SENHOR PAPA-TUDO

Árvores. Uma casa feita de chocolate, rebuçados, bolos e bolachas. Surge Guida. Vê a casinha e bate palmas de espanto.

Guida—João, João! Depressa! (*Aproxima-se mais da casinha. Para o público:*) Estou a sonhar? (*Belisca-se no braço e dá um grito.*) Ai! Não há dúvida, estou viva e acordada. Tantos doces! Nunca imaginei que pudesse haver tantos doces e tão lindos. (*Olha à sua volta a ver se ninguém a vê e depois arranca, rapidamente, um doce e põe-se a trincar.*) Que bom! Que bom!

(*Aparece João, ocupado com uma pedra que traz na mão. Não repara na casa.*)

João — Olha, vê tu, Guida, que linda pedra que encontréi. Hei-de juntá-la à minha colecção. Deve ser uma pedra muito rara, tem um brilho azul.

Guida — Quero lá saber de pedras. Pedras ninguém as pode comer.

João — Guida, tu só pensas em comer, não tens nem um bocadinho de sentido para as coisas bonitas. (*Repara agora na casa e, de espanto, deixa cair a pedra.*) Mas... mas... o que estou eu a ver? (*Num impulso corre para a casa e arranca um grande pedaço de chocolate, pondo-se a comer avidamente.*) Que delícia! Que coisa boa!

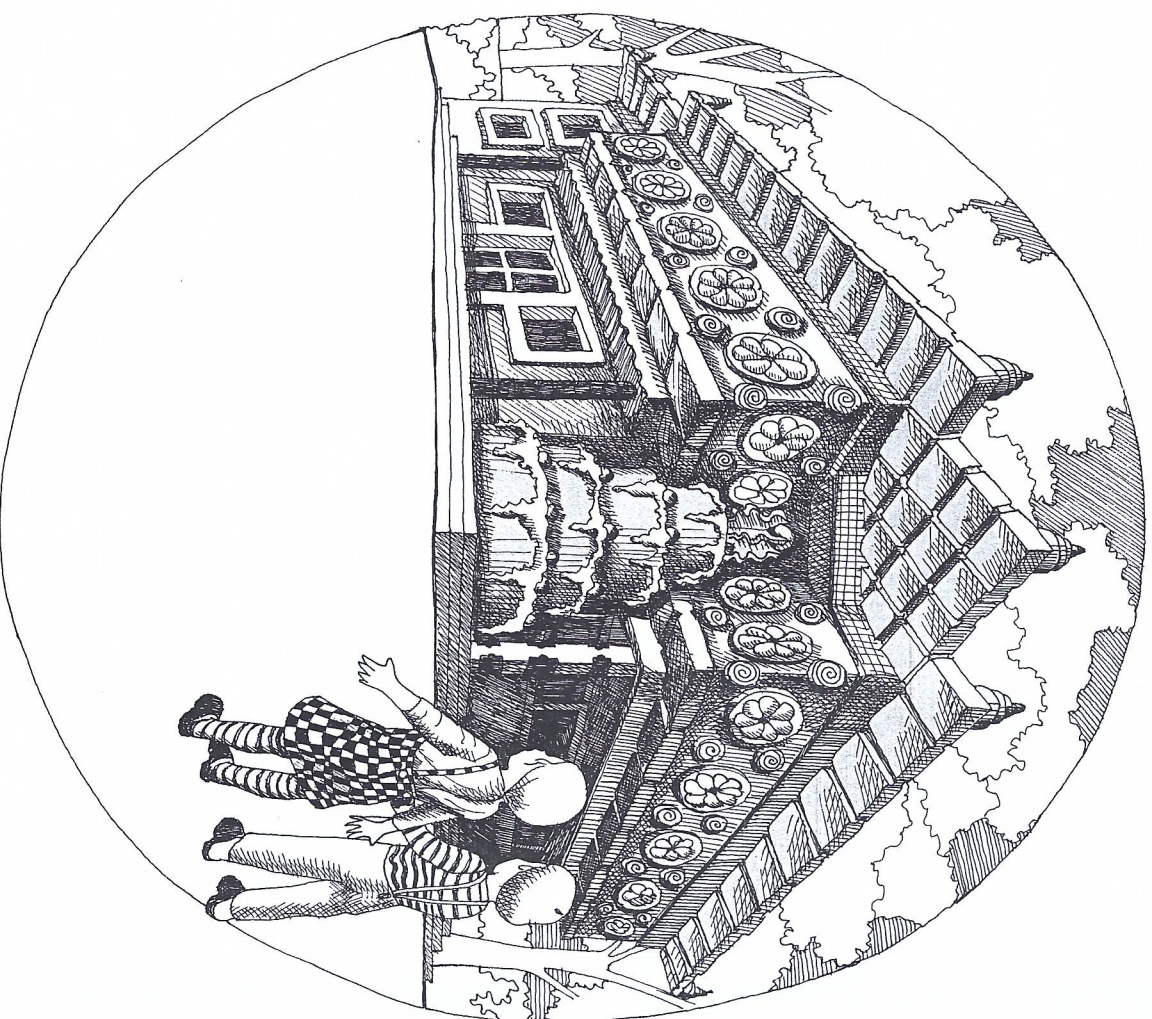
Guida — Eu não te disse que havia coisas melhores do que as pedras? E achas tu que não tenho sentido para as coisas bonitas. (*Tira outro doce da casa.*) Tenho sentido, sim senhor, e muito sentido.

João — Eu sabia lá que havia doces tão bons no mundo! (*Tira um rebuçado.*) Um rebuçado cor-de-rosa, parece um sonho.

(*Ouve-se dentro da casa uma voz forte e mal disposta.*)

Voz — Que é lá isso?! Estou a sentir bulir na minha casa. Quem é que está a bulir na minha casa?

João (*em voz baixa*) — É ele, Guida, o senhor Papa-



-Tudo. Agora arma-te de coragem e aguça a tua inteligência. Tudo depende de nós, não te esqueças. (*Grita muito alto:*)

É o vento!

É o vento!

É o Anjo Bento!

(*Ninguém responde e João e Guida voltam a tirar doces:*)

João — Uma bolacha com uma camada de açúcar por cima.

Guida — Um bolo tão amarelinho como a Lua.

A voz (*de novo*) — Quem é que está a comer os meus ricos docinhos? Quem é que está a comer os meus ricos docinhos?!

João e Guida — Os ratinhos, os ratinhos!

(*Abre-se a porta e sai o senhor Papa-Tudo: cara amarelada, bigodada, óculos de armação negra e grossa, cartola, bengala na mão; um aspecto um tanto fantasmagórico.*)

Papa-Tudo — Não há dúvida. Lindo vento, anjo bento. Lindos ratinhos.

João (*segredando a Guida*) — Não mostres medo. (*Para o público:*) Não tenham medo! (*Em voz alta:*) Ora boas tardes, senhor... mas como é que o senhor se chama?

Papa-Tudo — Chamo-me Papa-Tudo, o Grande, seu ladrão!

João — Eu não sou ladrão. Só tenho fome, senhor Papa-Tudo.

Papa-Tudo — O Grande, o Grande!

João — Papa-Tudo, o Grande. Estava eu a dizer que nós, minha irmã e eu, temos fome e que foi por isso que tirámos alguns doces da sua casa.

Papa-Tudo — Fome, fome! Palavra ordinária. Que vem a ser isso afinal, fome? Eu cá não sei o que é, deve ser coisa que só acontece aos mandriões.

João — O senhor Papa-Tudo, é que...

Papa-Tudo (*ainda mais irritado*) — Com mil diabos: o Grande!

João (*atrapalhando-se*) — O senhor Grande, o grande senhor... O senhor Papa-Tudo, o Grande, deve ser rico, o senhor?

Papa-Tudo — Eu? Rico? Ora que disparate! Sou riquíssimo. Sou dono desta mata, destas árvores, sou dono de toda a bicharada que vive em redor de muitos quilómetros, fica-te com isto e não te esqueças, meu fedelho. (*Para o público:*) Parece impossível!

João — O meu nome é João. E esta é minha irmã, Guida.

Papa-Tudo — Nomes feios, muito feios. Guida! Já se viu uma menina inteligente chamar-se Guida? E João, João: horrível! Com que então aquela medricas é tua irmã?

Guida — Senhor Papa-Tudo, o Grande, eu não sou medricas.

Papa-Tudo (zombeteiro) — Então diz lá o que és, menina Guida?

Guida — Sou uma rapariga como outra qualquer.

Papa-Tudo — Pior para ti. Se és uma rapariga como outra qualquer, és medricas. Todas as raparigas são medricas; é por isso que as detesto. Mas já que és uma rapariga como outra qualquer, então tem a bondade de me explicar quem te mandou roubar os meus ricos doces, hem?

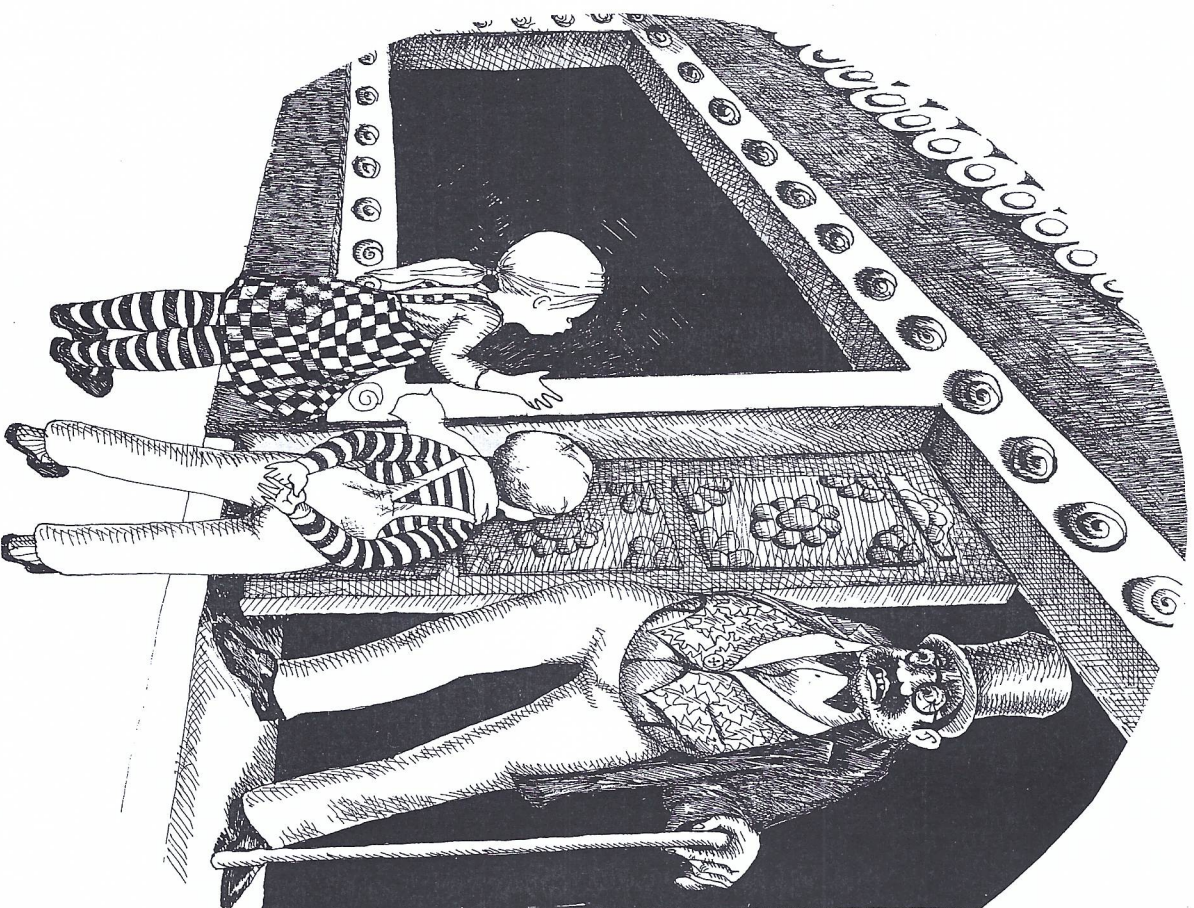
Guida — É que são tão lindos, os seus doces, senhor Papa-Tudo, o Grande.

João — São deliciosos!

Papa-Tudo — Escusado tantos elogios, não adiantam nada com isso. Estou farto de saber que não há em todo o mundo doces que se possam comparar aos meus. Ora, ora!

João (apressadamente) — Com certeza, com certeza.

(Guida, muito assustada, agarra-se a João.)



Papa-Tudo (*caminha durante uns instantes dum lado para o outro, pensativo. De repente, aproxima-se de João e Guida, com uma expressão mudada, amável. Mas não sorri. Estrega as mãos. Fala com meiguice*) — Então fominha, hem? E acham lindos e deliciosos os meus petiscos? Sim senhor, sim senhor, estou a ver. Escutem, meus filhinhos, tenho lá dentro coisas ainda melhores, nem imaginam, nunca sequer sonharam. Venham, venham, provem. Venham, venham! (*Estrega, de novo, as mãos, contentemente com as perspectivas.*)

João (*em voz baixa, para Guida*) — Chegou o momento decisivo, Guida. Agora mostra que és a minha imãzinha valente. (*Em voz alta:*) Com todo o prazer, senhor Papa-Tudo.

Papa-Tudo (*batendo no chão com a bengala*) — Com trezentos diabos! O Grande! O Grande!

João (*atrapalhando-se outra vez*) — O Grande, claro, o Grande Papa-Tudo, o senhor Grande...

Papa-Tudo — Trapalhão! Não admira, com um nome tão feio! João!!

(*Entra. Os meninos seguem-no, mas viram-se para a assistência e perguntam:*)

João e Guida — Acham que fazemos bem?

(*Fecha-se a porta atrás deles. Aparecem o lobo Xexé*

e o grilo Fidelino.)

Fidelino (*espantado*) — Entraram! Entraram mesmo! Estou pasmado, senhor lobo Xexé.

O lobo Xexé (*a bufar de cansaço*) — Pasmado porquê? São meninos com coragem, não são grilos.

Fidelino — Queria ver se o senhor tinha coragem para entrar em casa do seu inimigo número um.

O lobo Xexé — Ora, ora, coragem não me falta. O que estou é cansado. Cá vim... a subir montes, a descer montes... Não é brincadeira na minha idade. Mas quando prometo alguma coisa, cumpro. Cumpro! Percebe o que isso quer dizer? E para cumprir a minha promessa não preciso de entrar em casa do meu inimigo número um. De resto, não é costume entrar em casa dos inimigos! Quando muito visitam-se os amigos. Mas hei-de proteger os meninos. Simpatizo com eles, sabe?

Fidelino — Também eu. E por isso quero ajudá-los.

O lobo Xexé (*rindo alto*) — Ah! Ah! Ah! O senhor guarda Fidelino, a ajudar os meninos. Essa é boai! Essa nunca aconteceu, há-de ficar marcada na história, há-de ser escrita nos livros, nos de capa lustrada, com desenhos a cores. (*Leva, de repente, a mão à anca.*) Ail! Ail! o meu reumatismo.

Fidelino — Senhor lobo Xexé, o senhor tem reumatismo.

E está xexé, coitado. Tenho tanta pena de si. Deve ser triste. Eu ainda sou novo e nunca tenho dores de reumatismo.

O lobo Xexé (*rosnando*) — Ai, meu amigo, se eu ainda tivesse os meus ricos dentes... (*Para o público:*) Comia-o. Ai! Se o comia!

CAI O PANO

(*Música. Canto:*)
Ai! dos meninos,
Que é que vai acontecer?
Mudem a cena!
Para a gente ver!

Terceiro quadro

EM CASA DO
SENHOR PAPA-TUDO

A sala: uma janela aberta, um fogão, uma mesa ao fundo, cadeira. Num canto, uma vassoura. Um retrato, com moldura dourada, do senhor Papa-Tudo. Um cortinado lateral. Numa gaiola está preso João. Guida estrega o chão. Depois pega no balde e põe-se junto da vassoura. Em seguida mexe, com uma grande colher de pau, na panela no fogão. Depois pega na vassoura e começa a varrer.

Guida (*suspira fundo*) — Ai, João! Fomos apanhados. O que vai ser de nós? O senhor Papa-Tudo é mesmo mau. É muito pior do que dizem. E ainda por cima nunca se ri. E eu não vejo jeito de o fazer rir. Ele não acha graça a nada. Ontem pus-me a fazer o pino. E ele só disse (*ela finge a voz grossa do senhor Papa-Tudo*): «A menina não tem mais nada que fazer? Porque é que se põe a fazer palermices?» Também já lhe contei uma

história do palhaço que fez rir o rei. E sabes o que ele disse? «Só meninas são capazes de contar histórias tão estúpidas.» Já não sei o que hei-de inventar. De cada vez está mais carrancudo. E eu estou cada vez mais triste. E uma pessoa triste não sabe rir nem fazer rir ninguém. Aii!

João — Bem sei, Guida, não é nada fácil a nossa tarefa. Tu estás triste e eu estou preso. Já reparaste como ele olha todos os dias para o meu dedo? Sabes porquê?

Guida — Não, não sei.

João — É para ver se estou mais gordo. Desconfio que me quer comer. (*Para o público:*) Acham que o Papa-Tudo me quer comer?

Guida — Descansa, João, por enquanto não te vai acontecer nada de mal. Escondi-lhe os óculos. Ele é muito míope. Sem óculos não vê nada à sua frente.

João — Foste esperta, Guida. És valente.

Guida — Chiui! Ai vem ele.

(*Ouve-se lá fora a voz do senhor Papa-Tudo.*)

Papa-Tudo — Os meu óculos? Onde estão os meus óculos?! Essa agora! Caramba! Já é de mais!

(*O senhor Papa-Tudo entra.*)

Papa-Tudo — Ah, estás aqui, trapalhona. Não deste com os meus óculos?

Guida — Não, senhor Papa-Tudo, o Grande. Tenho tanta pena por o senhor ter perdido os óculos. Como foi possível sumirem-se assim de repente? (*Para o público:*) Enganei-o! Enganei-o!

Papa-Tudo — Nada de gracinhas. Esta palerma tem o costume de dizer gracinhas. Parece um palhaço de circo. Nunca percebi para que servem as gracinhas, a não ser para perder tempo. Quero ouvir coisas sérias. E fica sabendo, menina, nesta casa nunca se perdeu nada até hoje. E não admito que se perca! Percebeu? Por isso põe-te a procurar os meus óculos e aí de ti se os não encontras! (*Vendo Guida ainda parada.*) Que estás aí a fazer, minha alma de cântaro? Despacha-te. E se digo despacha-te, quero dizer, desaparece, gira e já! (*Levanta a bengala numa ameaça.*)

Guida — Pois sim, senhor Papa-Tudo, o Grande, vou já. (*Precipita-se para fora.*)

Papa-Tudo (*sentase numa cadeira e fala para o público*) — Que consumição! Para que havia eu de meter vadios em minha casa? Foi uma grande asneira. Não têm respeito por mim, não sabem reconhecer a minha grandeza, o meu valor. É que eu sou o se-

nhor Papa-Tudo, o Grande. Não é por acaso que tenho este título: «o Grande». Sou o dono da mata e da bicharada em redor. Sou um génio e um ricoço. Ninguém deve esquecer-se disto: eu sou eu, o que é importante! Tudo o resto é paisagem e não vale um caracol. E por esta razão não admito que se tenham perdido uns miseráveis óculos. *(Bate com o punho na mesa.)* Não admito, tomem sentido. *(João, caladinho, a observá-lo. De repente, o senhor Papa-Tudo vira-se para ele.)* Ouviu o que eu disse, seu magricela? O senhor Papa-Tudo não perde nada, nada, nada! Concordas?

João — Concorde, pois claro que concordo, senhor Papa-Tudo, o Grande.

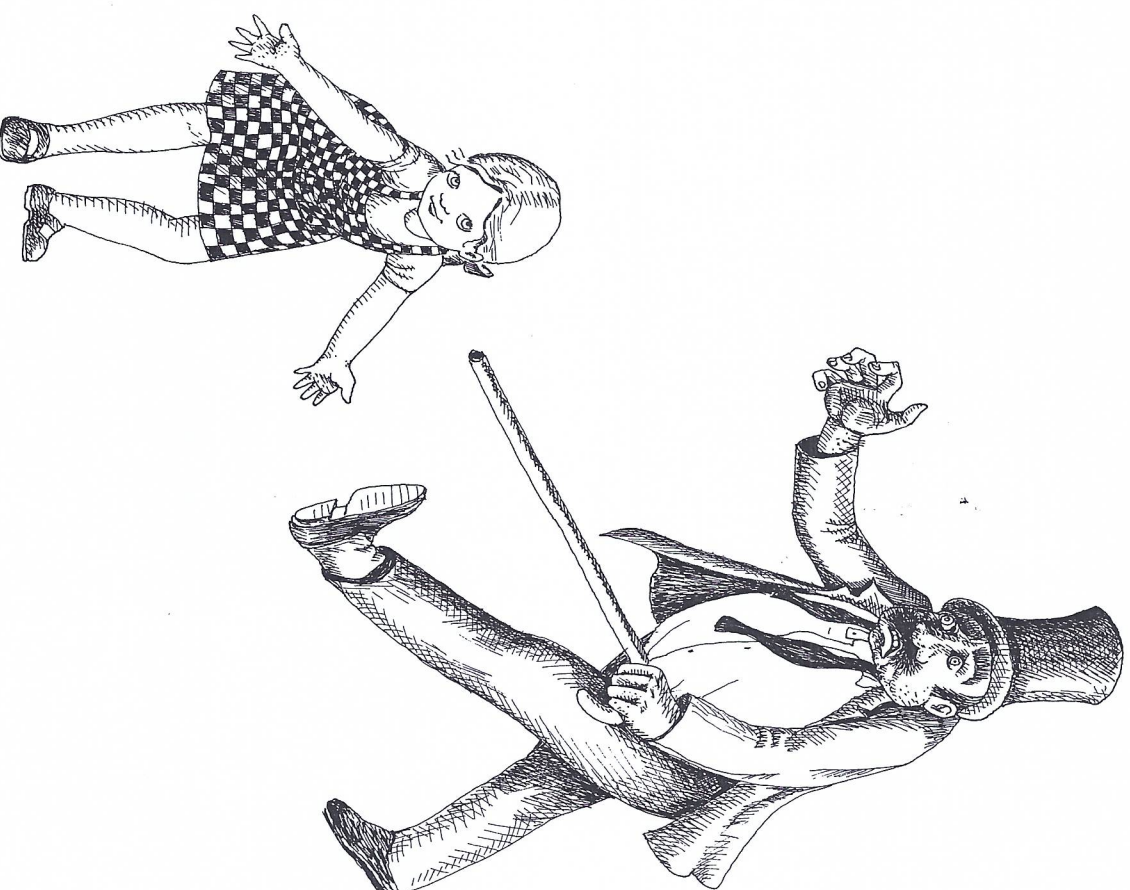
Papa-Tudo — Concordas com quê?

João — Concorde que o senhor é grande de mais para perder as suas coisas.

Papa-Tudo (*desconfiado*) — Grande de mais? Que queres tu dizer com isso, meu manhoso? Grande de mais em que sentido? *(Para o público:)* É manhoso que se farta!

João — No sentido de o senhor ser poderoso, magnífico, incomparável, insuperável.

Papa-Tudo — Hum, hum! Foi o que teu valeu, patife. *(Aproxima-se da gaiola.)* Mostra cá o dedo.



(*João estende o dedo, mas o senhor Papa-Tudo não o vê.*)

Papa-Tudo — C'os diabos! Não vejo nada. E isto tem de me acontecer a mim, é incrível!

João (*fugindo com o dedo dum lado para o outro, trocando do senhor Papa-Tudo*) — Aqui... aqui... aqui...

Papa-Tudo (*sempre procurando*) — Hás-de-mas pagar caro, prometo-te. Sabes porque é que te meti nessa gaiola? (*João faz um gesto como quem quer responder.*) Não respondas, não é preciso. É que embirro com os meninos que se julgam mais espertos do que eu. Ninguém é mais esperto do que eu e muito menos um fedelho como tu. Porque eu, sou eu, o que é importante. Ainda não apareceu quem se atrevesse a meter-se comigo. (*Bate com o punho no peito, cheio de vaidade.*) Ouviste?... Não respondas, não é preciso. E tu, um pobre diabo que veio aqui cheio de fome, tu, com o teu nome feio, que-rias ser engraçadinho, hem? (*Cheio de ironia, copia a voz dos meninos:*) «O vento, o vento, o anjo bento! E ratinhos, ratinhos!» Ora, ora, não aprecio nem gracinhas nem fantasias. Meti-te na gaiola, como se faz aos pássaros. E hei-de comer-te. Olaré! Mas só quando estiveres bem gordinho. Porque eu não tenho fome, eu como quando bem me apetece e só aquilo que me apetece. Tenho ou não

tenho fantasia, João espertalhão? Não respondas, não é preciso.

Guida (*tornando a entrar*) — Senhor Papa-Tudo, o Grande, estou desconsolada. Não há maneira de eu encontrar os seus óculos. Já os procurei por toda a casa e até pelo quintal. (*Para o público:*) Não procurei coisa nenhuma.

Papa-Tudo — Estúpida! Palerma! Dou-te tempo até amanhã. Se não os encontrares, expulso-te de casa, e o teu irmão fica aqui na gaiola até estar bem gordo para eu o comer ao jantar. Tenho dito! (*Sai e bate com a porta.*)

(*Na janela aberta surgem as cabeças do lobo e do grilo Fidelino.*)

Guida — Estive atrás da porta a ouvir tudo o que ele disse. Fiquei cheia de medo. Que vamos fazer, João? Já não sei, palavra, já não sei. (*Põe-se a chorar. Para o público:*) Que hei-de fazer?

João — Não chores, Guida. Assim ainda é pior. Temos de pensar muito esta noite. E havemos de encontrar uma saída.

O lobo Xexé (*da janela*) — Boas tardes, meus meninos. Passaram bem?

Fidelino — Vivam meus meninos! Bons olhos os vejam.

João e Guida (*com alegria*) — Os nossos amigos!

Guida (*limpando as lágrimas e sorrindo*) — Como vieram cá parar?

O lobo Xexé — Como viemos cá parar? Ora essa! Eu conheço a mata. E sei muito bem onde fica a casa do meu inimigo número um.

Fidelino — De resto, se ele não soubesse, tinha-me a mim.

(*João e Guida riem-se.*)

O lobo Xexé — Deixem-no falar. É guarda-nocturno e não passou da primeira classe. Então o malvado do Papa-Tudo quer comer o João?

João (*com voz baixa mas insistente*) — Entrem, entrem! Vamos falar sobre o assunto. Pode ser que a gente descubra uma saída.

(*O lobo Xexé, com dificuldade, e Fidelino saltam pela janela dentro. Com Guida juntam-se num grupo à volta da gaiola.*)

O lobo Xexé — Então digam lá o que aconteceu. O Fidelino e eu só conseguimos ouvir uma parte da conversa.

Fidelino — O senhor Papa-Tudo parecia um furacão.

Guida — Está furioso.

João — É que a Guida escondeu-lhe os óculos e ele agora anda como as toupeiras sem ver nada à sua frente.

Fidelino — Mas porque é que a Guida lhe escondeu os óculos? Só para fazer dele toupeira?

O lobo Xexé — Quem está xexé é você, Fidelino. Então não percebeu que o malandro andava a examinar o dedo do João para ver se estava gordinho? E que a Guida lhe escondeu os óculos para ele não saber onde estava o dedo? (*Para o público:*) Coitado, é um grilo.

Fidelino — É espantoso! Uma ideia genial!

João — Sim, minha irmã é muito inteligente.

Guida — Ora, ora...

(*O grupo não repara que o senhor Papa-Tudo espreita por detrás do cortinado. Tem agora os óculos no nariz. Só se lhe vê uma parte da cara. Sem fazer o menor ruído, escuta a conversa.*)

O lobo Xexé — Mas, se não estou em erro, o meu inimigo número um deu-lhe um prazo até amanhã. Se ela não encontrar os óculos até lá, manda-a embora. E então o pobre João fica aqui sozinho. Precisamos, portanto, de ter outra ideia genial para o salvar.



Fidelino — Tantas ideias geniais! Estou pasmado!

João — Mas ainda não tivemos nenhuma, Fidelino.

Fidelino — Há-de-nos ocorrer num instante, vais ver. Vamos pensar.

(Todos se põem a pensar. O grupo tem um aspecto cómico: o rabo do lobo espetado no ar; o Fidelino, muito esticadinho, a olhar para o tecto com ar de quem espera que a ideia lhe caia de cima; Guida com o dedo indicador na boca; João com a cara enterrada nas mãos. Há silêncio. Passados uns instantes Fidelino suspira.)

(Música. Canto:)

Pensam e cismam!

Cismam e pensam!

E o avarento

Bem atento!

Fidelino — Ail! Já tive cinco ideias, mas nenhuma serve.

O lobo Xexé — Então esteja calado e deixe os outros pensar.

(Volta o silêncio. Depois duns instantes Fidelino suspira de novo.)

Fidelino — Ail! Faz-me doer a cabeça de estar a pensar tanto!

Guida — Fidelino, tenha um bocado de paciência.

O lobo Xexé — Bem se queixa o seu irmão de que você já não aprende coisa nenhuma.

João *(dando estalos com os dedos)* — Eureka! Oicam: os óculos do senhor Papa-Tudo, o Grande, a minha irmã encontra-os amanhã, não há outro remédio. Ele volta, portanto, a olhar para o meu dedo. Mas eu, em vez do dedo, posso estender-lhe um ossinho de frango, do peito, dos mais fininhos. É que o senhor Papa-Tudo, o Grande, mesmo com óculos não nota que o ossinho não é o meu dedo. Pensa que não há maneira de eu engordar, que sou de fraca qualidade. Ele não tem fome, não sabe o que isso é, só come coisas boas. Percebem?

Papa-Tudo *(com certa jovialidade, para o público)* — É levado da breca, o rapazi!

Fidelino — Ideia fabulosa. Estou admirado! *(Para o público:)* O João é esperto, não é?

O lobo Xexé — O menino é inteligente. Tal e qual como eu, quando ainda era o lobo-filósofo.

Guida — Calha mesmo bem, parece de encomenda. Amanhã temos frango ao almoço.

João — Óptimo, óptimo.

O lobo Xexé — Estou a ver o meu inimigo número um a apalpar o ossinho do frango. *(Ri-se.)* Ah! Ah! Ah!

«Que magricela, diabo! Não há meio de engordar, o sensaborão, o insosso. Tenho de lhe arranjar umas pastilhas, deve estar doente.» Vai ser um gozo, vai ser um gozo. Eu fico aqui pelas redondezas com este meu companheiro *(aponta para Fidelino)* que não me larga.

(O senhor Papa-Tudo ri-se um pouco, mas virado para o público.)

Fidelino—Pois que é que o senhor quer? Eu não o posso largar. O senhor precisa de quem olhe por si. Não tem dentes, coitado. E está xexé...

(Neste instante o senhor Papa-Tudo desata numa gargalhada que parece não ter fim. Os outros viram-se, surpreendidos. Mas a risota do senhor Papa-Tudo é tão forte que pega a todos. E todos riem. A música sublinha o riso.)

Papa-Tudo *(ainda segurando a barriga de tanto rir, aproxima-se da gaiola, tira do bolso uma grande chave e abre-a)*—Vá, sai daí, seu finório. Então um ossinho de frango, e do peito... *(Ri-se. Depois dirige-se a Fidelino, que se põe muito teso.)* E o senhor tem de tomar conta do senhor lobo, meu inimigo número um. *(Para Guida:)* E tu, espertalhona, escondeste-me os óculos, sim senhora. Mas o senhor Papa-Tudo também é esperto e encon-

trou-os! Com isso não contavas, hem? E agora prepara uma jantarada boal Frango assado, com muitos ossinhos do peito. E arranca uns quiliños de chocolate da fachada. E rebuçados. Hoje vamos ter festa! *(Abre os braços e respira fundo.)* Como me sinto bem! Parece que tomei um banho delicioso. Que bela disposição!

(Guida precipita-se para fora, toda contente. O lobo Xexé e Fidelino desenvolvem grande actividade: põem na mesa a toalha, talheres, copos, etc. João trata de acender o lume. Daí a um bocado Guida volta com um braçado de chocolate e rebuçados, que deixa cair sobre a mesa.)

Guida—Deixei ficar um buracão na fachada!

Papa-Tudo—E não te esqueças do pudim... O pudim de amêndoas... *(Para o público:)* Que grande dia de festa!

(Abre-se a porta e entra o grilo Fabiano.)

Fabiano—Alguma novidade? O meu irmão está aqui?

Papa-Tudo—Entre, entre senhor Fabiano. O seu irmão está aqui, pois claro. E o senhor, tem passado bem?

Fabiano—Obrigado, vamos indo; mas estou espantado consigo, senhor Papa-Tudo. Tão bem disposto?!

Papa-Tudo—É verdade, é verdade. Graças a estes dois

meninos (*aponta para João e Guida*).

Fidelino — E graças a mim também.

Papa-Tudo — Oçam todos: quero agradecer-lhes. A minha vida era triste e solitária. Já nem sequer sabia rir. Vou dar-vos uma parte das minhas riquezas. Afinal para que preciso de tanta coisa? (*Para o público:*) Não acham também?

Todos (*em coro*) — Ora vejiam, ora vejiam!

Fidelino — Estou muito contente, senhor Papa-Tudo.

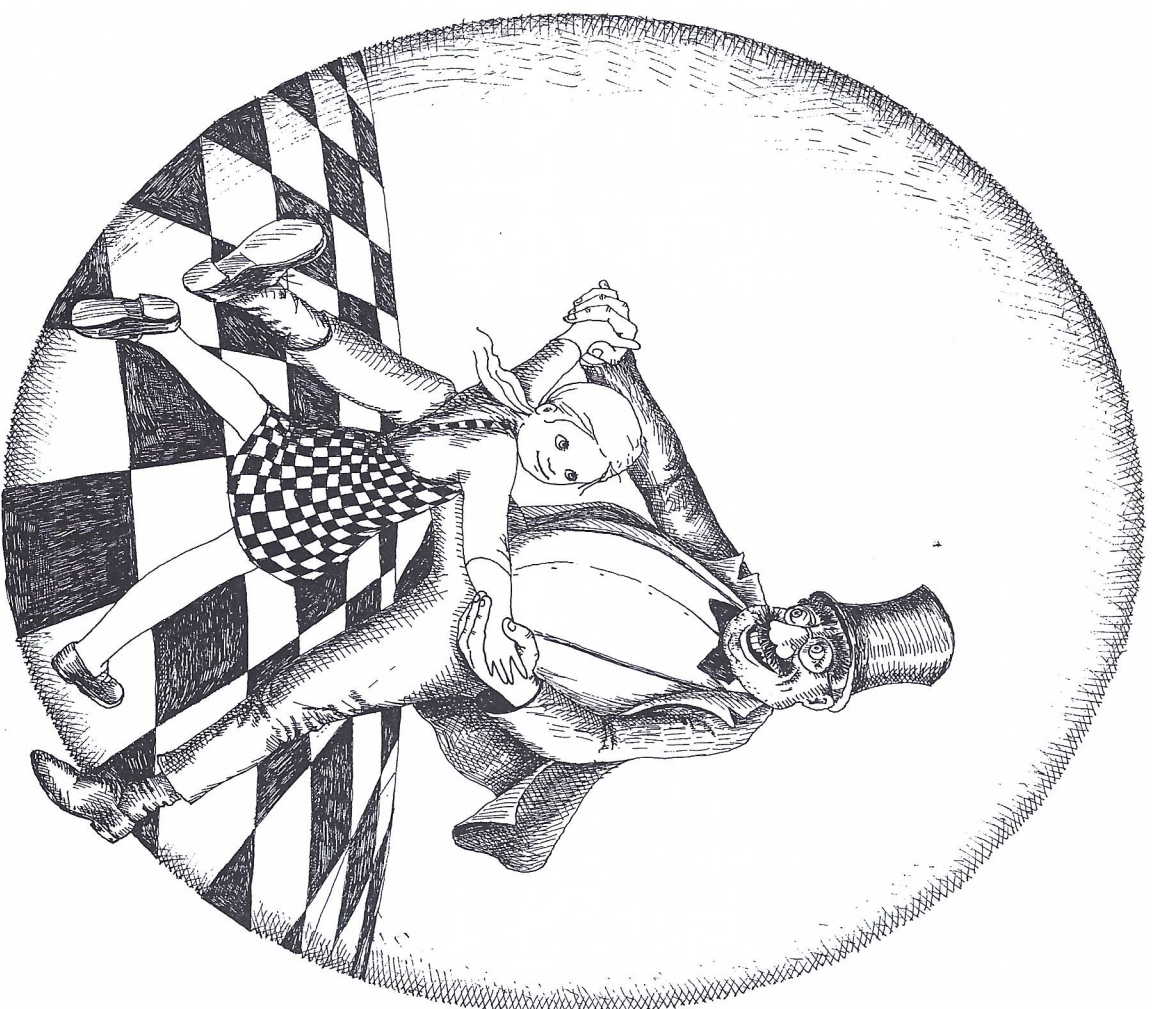
Agora o senhor é um homem de truz!

Fabiano — Fidelino, que maneira de falar é essa?

João e Guida — Muito obrigado, senhor Papa-Tudo, o Grande...

Papa-Tudo — Ora, meus filhos, deixem-se disso agora.

O Grandel! E aproveitem a ofertal! Nunca se sabe o que vai acontecer. Talvez já me venha a arrepender amanhã da minha bondade. Gente como eu não merece confiança. Por isso digo-vos: nunca fiando! nunca fiando! E este senhor lobo Xexé — Oh, perdoe-me a expressão, amigo lobo, acredite, foi sem querer. (*O lobo Xexé faz um sinal como quem diz que não tem importância.*) — Pois o amigo lobo, se quisesse, podia ficar a viver comigo. O João e a Guida, esses hão-de querer voltar para junto dos



pais. Mas o amigo lobo e eu somos velhos (*com um sorriso travesso*) e um bocadinho xexés, faríamos boa companhia um ao outro. O que me diz?

O lobo Xexé—Oh... não digo que não... Afinal a vida é difícil para um lobo da minha idade...

Fidelino—...que não tem dentes.

(*Todos se riem. Toca uma música. O senhor Papa-Tudo pede à Guida para dançar. Em seguida, quanto pode ser, todos formam pares e dançam. O lobo Xexé pega num lado do pano de boca e começa a fechá-lo.*)

O lobo Xexé—Esta festa vai levar todo o dia e toda a noite. Vamos comer, cantar e dançar. É festa rija, como diz o meu amigo Papa-Tudo que já foi, em tempos, o meu inimigo número um. Vai ser uma festa agradável, para nós, aqui na mata, mas para vós, queridos espectadores, não pode ter grande interesse. Já viram o mais importante. Por isso voltem para as vossas casas e não deixem de se lembrar de nós, de vez em quando, ouviram? (*Entretanto o pano fechou completamente.*) Pronto, já trabalhei o suficiente. De ora em diante vou passar os últimos anos da minha velhice em companhia do meu amigo, o senhor Papa-Tudo Xexé, se ele não se arrepender de me ter convidado pois lhe ouvi dizer: nunca fiando! (*Em voz baixa, para o público:*) É que é velhaco, não é?

Fidelino (*metendo a cabeça de fora*)—Senhor lobo Xexé! Senhor lobo Xexé! A Guida quer dançar consigo.

O lobo Xexé (*atrapalhado*)—Formidável! Que honra! Vou já, vou já! Adeus, minha gente, adeus! É pena não me poderem ver dançar com a Guida, é pena. (*Desaparece. Música.*)

CAI O PANO

FIM

